



O Baba das Nigrinhas é um espaço esportivo de chistes e molequeira que reúne amigos dispostos a dar uma esticada da folia



Levanta a saia e faz o gol, amiga!

No baba dos travestidos, em Pirajá, o jogo só termina quando empata e até uma "atleta" dá à luz no asfalto

PATRÍCIO GONÇALVES

SDesde o início da manhã de ontem, o rebuliço era geral no fim de linha de Pirajá, onde acontece o tradicional Baba das Nigrinhas, praticado por travestidos atletas. "Cadê Dudu, o juiz?", perguntava um. "E Vinagre, com o caro de som?", perguntava outro. Marcado para as 10 horas, a partida só começou mesmo por volta do meio-dia. E que nem todo mundo tomou engov no dia anterior, e o bicho pegou.

A multidão se reuniu no largo, situado entre as ruas Elisiário da Cruz e 24 de Agosto. Um dos jogadores, vestido de batiguel gestante, largou: "Ô, diga a Batman para ir lá em casa assumir o menino, porque ele meteu e se salvou". Os meninos também caem na brincadeira e se paramentam com bafômetro e bostie. "É tranquilo ficar assim, alguns

amigos fazem gozação, mas a maioria não", explica o garoto Fábio Nascimento Cruz, 9 anos. E menino é que não faltou.

Antes de o baba começar, Miltão Bobó e Pedro, os fundadores, têm que pedir para os artilheiros mirins se comportarem. E rola o baba com toda a xexelentagem possível. Odaliscas, pinguetes, bruxas e outras se dividem. Com ou não tem antidoping, cada um entra com o que quiser (e tiver) e cai para dentro. Apito dado no microfone. Regras? Algumas, esdrúxulas e unárquicas (por mais contraditório que possa parecer); abaixo do pescoço é capela, vale pegar de mão, e a partida só termina quando os times empatam.

O jogo é fácil de entender. "É o bando de lá contra o bando de cá e seja o que Deus quiser", explica Miltão. As traves são dois engradados de cerveja. Os goleiros, na mai-

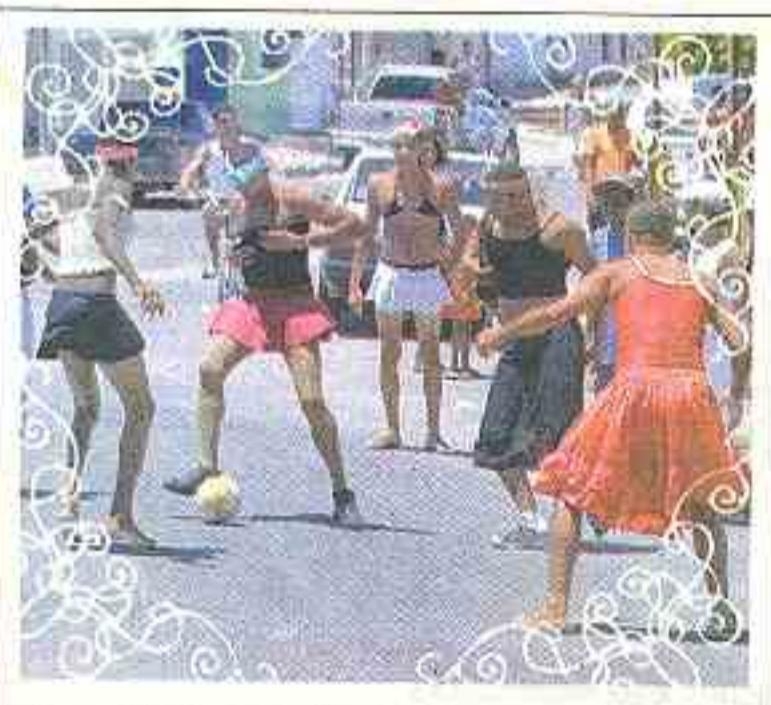
scrachada mutretu, juntam as duas (nem uma bola de tênis passa) sentam em cima e fazem poses, mostrando calcinhas enfiadas no rego.

PARTO - O juiz apita, elas afastam de novo "as traves". Sem táticas específicas, a onda é uma só: chuteio pra lá e chuteio pra cá. De repente, pára o baba e mais um lance de surreal pândega no asfalto, digo, campo. Uma jogadora gestante está parindo. Todos se esquecem da bola e correm para ajudá-la. As gargalhadas pipocam. Gildo Santos, 35 anos, desce do salto de Tiazinha e acode o "atleta" que identifica como Cesária.

A moça dá à luz uma toalha dobrada, que arrancam das entranhas de seu fantasia. "É uma moleca", grita o locutor. A esposa dele, dona Iraci dos Santos, cai na gargalhada. "Eu gosto, é divertido", explica em

total comunhão com o espírito carnavalesco. O jogo volta. Sol a pino. Val Gordo, o Buda, fantasiado de bruxa, corre atrás da bola com uma lata de cerveja na mão. O zagueiro cola nele e saca sua arma: "Sua mulé tá com outro". Ele nem tchum e chuta pra frente. Outro lá faz um gol. A partida continua. De repente, o futebol vira handebol.

Minutos depois, um ponta-esquerda de tamancos transforma o handebol em futebol americano; corre o campo todo sem tocar para ninguém e, lá pra tantas, um bolo cai por cima dele. Doideira perde. Um contra-ataque surge de um bate-rebate, gol do "time de lá contra o time de cá". Empate. Alegria geral e um sentimento de que todo mundo ganhou. Abraços e brincadeiras vão terminar nos numerosos boteços, onde a cerveja do meio-dia sai do freezer acompanhada com um gelado véu de noiva.



Com a bola dominada, "jogadora" avança no contra-ataque



Mesmo cansados da farra, o pessoal ainda encara o baba